

Paíze Adiante

Boletim Informativo da Área 33 - Minas Gerais

Ano 3 – Nº 11 – Março/Abril de 2014

A importância da Literatura em nossa recuperação

Para todos nós, alcoólicos em recuperação, que buscamos uma vida diferente daquela que nos levava ao copo, a literatura é um bem precioso e de valor inestimável. É impressionante a diversidade de títulos que nos orientam e nos apoiam no intuito de nos direcionar rumo a uma vida correta e em direção mesmo a uma evolução espiritual. Isso porque, como sabemos, parar de beber é apenas o início. Precisamos aprender a corrigir em nós mesmos aqueles defeitos que, incontáveis vezes, mesmo à nossa revelia, acabavam por nos levar de volta aos antigos e tortuosos caminhos...

Ninguém, em sã consciência, colocaria em dúvida a importância dos ensinamentos contidos nos diversos títulos de nossa literatura nem tentaria negar o quanto estes ensinamentos têm influenciado a vida de todos aqueles que, sentindo-se totalmente abatidos e derrotados pelo peso da doença estigmatizante do alcoolismo, encontram, na literatura, um porto seguro onde ancorar e se manter firme. Pela leitura, temos total compreensão de um problema que nos parecia, até então, insolúvel. Além de nos propiciar os meios de reaprendermos como nos enquadrarmos na sociedade à qual pertencemos, direcionamos-nos, como se fôramos crianças inseguras a quem se ensina, passo a passo, como se erguer e se encaminhar por novos caminhos que nos conduzem a uma nova vida, devolvendo-nos a esperança e a confiança em nós mesmos.

Fruto da inteligência privilegiada e inquietante versatilidade de nosso cofundador Bill W., percebemos, em muitas passagens, a visível interferência de um Poder Superior, que desde os primórdios de nossa irmandade, se manifesta entre nós de diferentes maneiras. Este programa de recuperação tem sido utilizado por entidades variadas, por sua constante atualidade e enorme aplicabilidade aos diversos setores de atividades humanas.

No entanto, precisamos nos lembrar de que toda a obra se originou do Inglês, por

intermédio do “homem de Nova York” e que, com a rápida expansão da irmandade por aproximadamente 180 países, a necessidade de tradução do idioma original para os novos se faria necessária procurando-se uniformizar a mensagem, sempre tentando manter a essência original.

O problema é que, como apregoa nossa sétima tradição, sobrevivemos às nossas próprias custas, nosso numerário nem sempre é suficiente para todas as despesas. Por isso, ao longo da nossa história não dispomos de tradutores profissionais, o que vale dizer que nossas traduções não são padronizadas ou realizadas por um grupo coeso e único, para que sejam uniformizadas. Pelo contrário, elas vêm sendo feitas por um comitê, composto por companheiros abnegados e altruístas, que as submetem à aprovação da CSG e do A.A. World Service, cuidando para que a ideia central seja mantida. E vale lembrar que o citado comitê está sujeito à rotatividade que se faz necessária no Serviço.

Devido a esses motivos, mesmo cercada de tantos cuidados, vez por outra temos nossa atenção despertada para alguns erros de semântica, ortografia ou concordância, que, ao se tentar corrigir, trazem expressões e palavras novas, diferindo, muitas vezes, da forma original, e confundindo o sentido anterior.

Quando nos dispomos a substituir nossos antigos volumes básicos, deparamos com tantas alterações que, muitas vezes, temos dificuldade em relacionar os novos enunciados àqueles das primeiras edições, precisando voltar ao livro antigo para apreendermos o sentido original.

Pudemos ter uma prova atualíssima deste fato quando, elaborando o site da nova área 33, tivemos dificuldades em utilizar o preâmbulo de A.A. que, em folhetos diferentes, apresentava formas diversas. E todas condizentes com a literatura oficial de A.A.

Recentemente, consultando as atualizações de publicações da JUNAAB e preocupados com a uniformidade de informações, fomos

forçados a modificar vários dizeres em nosso site, para que aquele que ler as novas publicações possa acompanhá-las, na íntegra.

Para que se tenha uma ideia das proporções dessa ocorrência, sugerimos consultar, em nosso site (www.aa-area33mg.org.br), o item ALTERAÇÕES, para verificar as mudanças ocorridas na súmula das Doze Tradições.

Como resolver o problema? Tentamos atribuir essa ocorrência ao fato de que cada tradutor, ao realizar seu trabalho, procura imprimir seu traço pessoal, subordinando sua tradução ao seu modo de conhecer e pensar o programa.

No entanto, havemos de convir que se trata de uma literatura oficial, aprovada por um escritório mundial e divulgada em diversos países do globo. Como se pode realizar um estudo de qualquer trecho das tradições em grupos de veteranos e recém-chegados se em cada volume utilizado existem expressões divergentes, dando margem a dúvidas e interpretações dúbias?

Concordamos que as correções e atualizações se fazem necessárias sempre que algum engano for detectado, mas acreditamos que alterações sistemáticas, como vem acontecendo a cada nova edição dos nossos livros, confundem os leitores, dificultando um perfeito entendimento da literatura de A.A.

A continuar dessa forma, em período muito breve estaremos desconhecendo nossos princípios básicos, transformados então em opiniões particulares, em que prevalecerão as personalidades sobre os princípios, contrariando nossa décima primeira tradição.

Nós, da área 33 de Minas Gerais, refletimos e concordamos que o ideal seria que, em todos os níveis, – JUNAAB, livros, sites e folhetos – a linguagem se mantivesse em sua forma original, independentemente de quantas correções se fizessem necessárias, a fim de que em qualquer época ou lugar em que estivéssemos pudéssemos, realmente, reconhecer nossos princípios básicos, falar a mesma língua, levar a mesma mensagem.

Amigos & Histórias

75 anos do livro Alcoólicos Anônimos

O tempo passa, o presente permanece



“Um livro clássico nunca termina o que nos tem a dizer” – Ítalo Calvino

O livro Alcoólicos Anônimos completa, em 10 de abril de 2014, 75 anos, a contar da primeira edição, lançada em 10 de abril de 1939, com uma tiragem inicial de 4.730 exemplares. Na época, definiu-se por fazer a impressão com o papel mais grosso e as letras em tamanho maior que o usual. Afirma-se até que era para dar um ar de autoridade intelectual e justificar o preço, muito elevado à época US\$ 3,5 (3,5 dólares) o exemplar. Essa edição original tornou-se tão volumosa que, tão logo lançada, ficou conhecida como *Big Book* (Livro Grande). Não confundir com o Grande Livro, que é a denominação da Bíblia. O livro foi encadernado em uma capa de tecido vermelho escuro, com duas simples palavras: *Alcoholics Anonymous*, impressas em cursivo dourado. A sobrecapa, com os tons vermelho, preto, amarelo e branco, foi desenhada por um artista que já era membro da irmandade de A.A., Ray Campbell. Por apresentar essa compleição chamativa, alguns também o chamaram, posteriormente, de “*Lona de Circo*”, do espanhol “*Cubierta de Circo*”.

Voltando um pouco no tempo, nessa época, os dados históricos nos permitem afirmar que o livro “nasceu”, de verdade, em 1937, numa conversa entre os companheiros Bill e o Dr. Bob, em Akron. Bill estava há três anos sóbrio, e Dr. Bob há

dois anos e meio. Nessa reunião, fizeram um levantamento das ações da irmandade, até aquele momento, e constataram que poderiam ser contados uns 40 casos de experiências bem-sucedidas. Surge então a ideia de contar em um livro a experiência desse grupo, os casos bem-sucedidos e o novo propósito de se chegar à sobriedade.

Começa, então, uma verdadeira saga na elaboração dessa ideia. O que escrever? De que forma? Quais os cuidados necessários para não inferir na religião e na medicina? Inúmeras reuniões, decisões tomadas e depois repensadas, saga essa muito bem descrita no capítulo sobre o discurso do Terceiro Legado no livro “*Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade*”. Vale a pena conferir.

O foco central do livro seria apresentar o que passou a ser chamado de “texto básico”, com extrema veracidade nos relatos de sobriedade de seus membros, e que esse livro chegasse onde as vozes dos primeiros companheiros ainda não se faziam ouvir. E, então, o livro começa a ser escrito em maio de 1938.

Dessa forma, em 1939, o livro ficou pronto. A primeira parte, contendo a “Introdução” e “A Opinião do Médico” (escrita pelo Dr. Silkworth), trazia ainda o 1º Capítulo “A História de Bill” e o 8º Capítulo “Às Esposas”, escritos por Joe Worth, o 10º Capítulo “Aos Empregadores”, escrito por Henry “Hank” Parkhurst, que também formatou o livro, e o 12º Capítulo “O Pesadelo do Dr. Bob”, escrito pelo próprio. Completando a primeira parte vinha todo o texto básico do 2º ao 9º Capítulos, e mais o 11º, que foram escritos por Bill W. e sua equipe, com ênfase muito especial no 5º Capítulo, “Como Funciona”, que trazia os Doze Passos sugeridos para a recuperação, e que acabou por se tornar a coluna central do livro. A segunda parte ficou composta de 27 relatos de companheiros e companheiras que, sob títulos bastante chamativos, escreveram seus testemunhos de sobriedade alcançada.

Porém, ainda faltava o título...

A definição do título do livro acabou por dar nome também à irmandade, por razões que só o Poder Superior pode explicar. Várias foram as sugestões (mais de cem), entre elas: “*O Copo Vazio*”, “*O Caminho Seco*”, “*A Vida a Seco*”, “*Fronteiras*

Secas”, “*Uma Saída*”, “*O Céu*”, “*A Chegada da Aurora*”, “*The Way Out*” = “*O Caminho da Saída*”, entre muitos outros. Foram descartados mais dois: “*Cem Homens*” por objeção de Florence Rankin, primeira mulher que acompanhou o movimento e “*Movimento Bill W.*”, sugerido pelo próprio Bill, talvez num lapso de estrelismo, que desistiu do propósito imediatamente ao ser lembrado pelos companheiros que não havia feito nada sozinho. E muitos outros foram também descartados pela quantidade de títulos homônimos, em outras obras.

O título acabou vindo de uma forma curiosa. Havia um grupo de alcoólicos, mais ou menos umas 100 pessoas, entre homens e mulheres, que haviam se separado do Grupo de Oxford, e se intitulavam “um punhado de alcoólicos sem nome”. Deriva-se daí a ideia de chamar o livro de “*Alcoólicos Anônimos*”, que se estendeu também para o movimento, nomeando-o e referenciando-o.

Por ocasião dos 75 anos do seu lançamento, A.A. World Service, Inc. está preparando, uma publicação, cópia fiel da primeira edição, a ser lançada agora, em abril de 2014, apenas em inglês, como o foi no passado. O custo de cada exemplar será de US\$ 12,00 e a edição foi aprovada pela Conferência de Serviços Gerais de 2013, EUA/Canadá.

No Brasil, foi assinada carta-contrato entre o AAWS e o companheiro Donald L. para tradução, impressão e distribuição de publicações aprovadas, com um empréstimo de US\$ 2,000.00 (dois mil dólares), determinando a “rápida instalação de um Escritório de Serviços Gerais, a quem deveria ser transferida esta concessão.” O dia 20 de setembro de 1969 marca a fundação do Centro de Distribuição de Literatura de A.A. para o Brasil – CLAAB, com o lançamento da primeira edição em português do livro *Alcoólicos Anônimos*.

É bem verdade que muitas outras histórias e informações poderiam ser aqui descritas. Mas nos parece que o momento é de reflexão sobre o valor, não monetário, desse conteúdo. Se o propósito inicial de algumas dezenas de pessoas era levar a mensagem por intermédio dele, e a quantidade de exemplares impressos na primeira edição era uma boa

quantidade, cabe hoje observar que o exemplar de nº 30.000.000 foi dado de presente à Associação Médica Americana – AMA, em julho de 2010, na 13ª Convenção Internacional de San Antonio, Texas, quando A.A. completou 75 anos. E ele também foi relacionado em uma exposição na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos entre os 88 “Livros que moldaram a América”. E, ainda mais que isso, o livro Alcoólicos Anôni-

mos parece carregar em suas páginas a estranha magia de formar novas frases, da noite para o dia, pois, sempre que o relemos, acabamos por nos deter em um novo entendimento que não havíamos percebido na leitura anterior. Como um tesouro, cada vez que o abrimos, as joias saltam aos nossos olhos, nos dando novos propósitos e renovando nossa garantia de sobriedade.

O escritor Jorge Luis Borges disse,

certa vez: “Imagino o paraíso como uma grande biblioteca”. Se assim também imaginarmos, podemos afirmar, com certeza, que na seção dos livros para as almas, figura esplendorosamente o livro Alcoólicos Anônimos. O nosso presente.

E agora? Vale a pena fazer uma releitura?

Fonte: Internet, sem data e autor definidos.
Recebido de Wagner Terzi.



“No que diz respeito à Conferência, Bill sempre deu muito crédito ao Custódio não alcoólico Bernard Smith, a quem chamou de ‘arquiteto da Conferência de Serviços Gerais’. Foi Smith quem convenceu os outros Custódios de que a ideia de Bill era correta e conseguiu fazer com que eles, lentamente, mudassem seu ponto de vista.”

O Dr. Bernard Smith serviu a Alcoólicos Anônimos como Custódio não alcoólico de 1944 a 1946.

Retornando em 1950, finalmente, na reunião de outono, conseguiu convencer aos demais Custódios a apoiarem o plano da Conferência. Foi quando deram a Bill a autorização para seguir em frente. Foi Presidente da Junta de Serviços Gerais de 1951 a 1955, exatamente o período experimental da Conferência.

Em sua palestra intitulada O INDIVÍDUO, A.A. E A SOCIEDADE ele narra os momentos de conflitos e de sofrimento de um movimento que vinha lentamente tomando forma e “de como as coisas parecem começar nessa irmandade, somente quando é chegado o momento.” Segundo Smith, é o dedo de Deus, determinando o nosso rumo.

Para o nosso propósito de hoje, cujo tempo não nos permite alongar, gostaria

O porquê da Conferência

de pinçar apenas algumas palavras que o Dr. Bernard Smith deixou gravadas para justificar a realização da Conferência do Terceiro Legado.

(...)

“Podemos não precisar de uma Conferência de Serviços Gerais para assegurar nossa própria recuperação, mas **Precisamos** dela para assegurar a recuperação do alcoólico que tropeça ainda na escuridão, à procura de luz. **Precisamos** dela para assegurar a recuperação de alguns recém-nascidos, inexplicavelmente destinados ao alcoolismo. **Precisamos** dela para manter, de acordo com o Décimo Segundo Passo, um refúgio permanente para todos os alcoólicos que no futuro possam encontrar em A.A. esse renascimento que fez com que seus primeiros membros voltassem à vida.

Precisamos dela porque somos conscientes do efeito devastador da tendência humana para o poder e prestígio que nunca devemos permitir que invadam A.A. **Precisamos** de uma Conferência para proteger A.A. de qualquer tipo de governo e ao mesmo tempo para preveni-lo da anarquia. **Precisamos** dela para proteger a irmandade da desintegração, ao mesmo tempo em que se evita a supe-

rintegração. **Precisamos** dela para que Alcoólicos Anônimos e unicamente Alcoólicos Anônimos possa ser o depositário permanente de seus próprios Doze Passos, suas Doze Tradições e todos os seus Serviços.

Precisamos de uma Conferência para assegurar que mudanças dentro de A.A. ocorram unicamente como resposta para as necessidades e desejos de A.A., como um todo, e não somente de alguns. **Precisamos** dela para assegurar que as portas de A.A. nunca se fechem, para que todas as pessoas que tenham um problema alcoólico possam sempre chegar livremente em nossas salas de reunião e se sentir bem-vindas. **Precisamos** dela para ajudar a assegurar que Alcoólicos Anônimos nunca pergunte a ninguém que precise de ajuda qual é sua raça, qual é sua crença ou qual é sua posição social.”

Bernard Smith, ao se retirar da presidência da Sexta Conferência, em abril de 1956, deixou registrado que “nenhuma pessoa deve permanecer num cargo de A.A. indefinidamente.” Para ele, ninguém que faz parte de A.A. como ele sentia que fazia, sai. Simplesmente se põe ao lado. Continua servindo e dando de si mesmo, com tanta humildade e habilidade quanto seja capaz.

Os Três Passos para Motivar o Serviço

(Assim como há muitos alcoólicos que precisam da mensagem de A.A., também há muitos AAs que precisam da mensagem do Serviço.)

Deus me concedeu o privilégio de prestar serviço em Distritos e Áreas durante algum tempo. Por mais de 15 anos saí para compartilhar em muitos lugares, e frequentemente se apresentava a oportunidade de motivar a prática do Serviço.

Eu aprendi que não é fácil motivar para o Serviço; talvez tentar transformar um companheiro em servidor seja tão difícil quanto transformar um bêbado em AA.

Aqui surge uma pergunta obrigatória: por que é tão difícil motivar, no sentido de que são muito poucos os que respondem ao chamado do serviço?

Sendo honesto, devo reconhecer a ignorância e a falta de observação que tive durante algum tempo. Só pela experiência aprendi que a simplicidade e a humildade são a melhor maneira de transmitir qualquer mensagem. E digo isso porque não é só para o serviço que se requer motivação.

Todo AA se vê algum dia diante da necessidade de motivar: a mensagem de A.A.; o uso da tribuna; a leitura de publicações; a prática do Serviço. A motivação em qualquer dos quatro aspectos anteriores requer um processo de três passos: *informar, explicar e passar a experiência.*

Para transmitir a mensagem de A.A., primeiro devo informar ao alcoólico sobre a existência de um lugar onde pode encontrar a solução, informando-lhe os aspectos gerais do Grupo de A.A.. Logo, terei de explicar como funciona o A.A. e como pratico meu

programa. E, finalmente, dar a minha experiência pessoal (que é a parte essencial de toda a motivação), compartilhando com ele os benefícios que obtive.

Então, quando quero motivar para o Serviço, ajo da mesma forma: o *novo membro deve saber que o Serviço existe e sobre a necessidade de que alguém o realize.* Muitos companheiros não o fazem, não porque não queiram colaborar; mas porque não têm informação do que é feito na Estrutura de Serviços Gerais. *Mais tarde, explico como faço Serviço, quais as funções, responsabilidades, procedimentos e objetivos. Finalmente, compartilho os ganhos espirituais e satisfações que se obtêm como recompensa, dando-lhe a experiência da efetividade de sacrificar tempo, dinheiro e esforço.*

Assim mesmo, para motivar o feito de falar na tribuna, de ler nossa literatura ou qualquer outro tipo de motivação, devo limitar-me a informar sobre a existência do que quero motivar, explicando seu funcionamento e reportando o resultado que conseguirão.

Mas há algo mais, de igual importância. Minha função motivadora deve terminar ali, deixando em completa liberdade a outra pessoa para que tome a decisão final, pois, se insisto, caio em atitude de convencimento e existe uma grande diferença entre motivar e querer convencer. O erro que repetidamente aparece consiste em forçar sutilmente, em pressionar psicologicamente e fazer com que o candidato tenha a resposta que eu espero;

então, já não estou motivando unicamente, mas tentando convencê-lo para que preste o serviço.

O objetivo de uma boa motivação é que o candidato se convença, por ele mesmo, e não se sinta pressionado por minha insistência, pois quando tento convencer alguém, ao invés de motivá-lo, inconscientemente estou propiciando o ambiente para criar ressentimentos. Eu posso me ressentir se ele não admitir minha mensagem e/ou ele pode sentir-se se me mostro tendencioso com ele.

Por isso são os poucos que aceitam a mensagem do serviço, apesar de existir bastante "motivação". Talvez haja a necessidade de refletir sobre a forma de motivar.

Finalmente, não devo me preocupar se alguém não presta o serviço depois da minha motivação. Meu dever é respeitar sua reação e suas razões para não fazê-lo. O importante é lançar a ideia do Serviço e alguma coisa será muito útil no dia de amanhã: quando o companheiro se decidir a servir, lembrará da boa impressão que teve do servidor que o motivou sem pressioná-lo.

Companheiros: questionem e julguem a ineficácia, a inutilidade e a incorreção desses três passos para motivar o Serviço. Tenho certeza do que estou teorizando, já que na prática isso vem me dando resultado... e disso existem testemunhas.

(Extraído da revista "A.A. Grapevine", de julho/agosto de 2000)

Para pensar...

1. Consigo manter o equilíbrio emocional em quaisquer condições?
2. Com que frequência tenho praticado a autoanálise?
3. Tenho conhecimento das minhas qualidades?
4. Tenho paciência e perseverança para corrigir meus erros?
5. Aceito a ideia de que quando fico irritado, algo está errado comigo?
6. O que pode me levar ao desequilíbrio emocional?
7. Acredito que o desequilíbrio emocional pode me levar ao copo?
8. Consigo fazer um inventário relâmpago no meio de um descontrole emocional?
9. Consigo enxergar meus erros e deixar que cada um enxergue os seus?
10. Consigo pedir desculpa e desculpar com a mesma facilidade?
11. Como tenho reagido ao cometer erros antigos?
12. Consigo ser rigoroso comigo e tolerante com os outros?

O autoconhecimento deve ser uma procura constante para aquele que quer encontrar a paz.

Comitês de Distritos participantes

- 1 – Cruzília
- 2 – Muriaé
- 3 – Juiz de Fora
- 4 – Barbacena
- 5 – São Lourenço
- 6 – São João del-Rei
- 7 – Ubá
- 8 – Ubá
- 9 – Leopoldina

Boletim Informativo da Área 33 – Minas Gerais

Escritório de Serviço Local de A.A. – ESL/Sede
Rua Henrique Burnier, 333 – salas 303 e 304
Bairro Mariano Procópio
36080-150 Juiz de Fora/MG
Telefax: (32) 3215-8503
Site: www.aa-area33mg.org.br
E-mail: sec@aa-area33mg.org.br
Tiragem: 1.000 exemplares